

O CAOS COMO UMA POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO NA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LICENCIATURA EM TEATRO

MAIARA SILVEIRA DE OLIVEIRA¹; VANESSA CALDEIRA LEITE²

¹Universidade Federal de Pelotas – maiarasilvo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leite.vanessa@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho emergiu das reflexões e questionamentos surgidos no Estágio em Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pelotas, realizado no segundo semestre de 2019, na escola Nossa Senhora do Carmo, localizada no bairro Castilhos, na cidade de Pelotas/Rio Grande do Sul. O trabalho foi realizado por mim e outra acadêmica do curso de teatro, e Milena Vaz; e foi orientado pela professora Vanessa Caldeira Leite.

A escola onde o estágio foi realizado está localizado num dos bairros periféricos da cidade. Ao longo dos oito encontros realizados com a turma de terceiro ano do ensino fundamental, no período de Artes, fui diagnosticando a presença de violência entre os alunos e a comunidade escolar. A partir da percepção do caos na sala de aula, refletido a partir da bagunça, de sala lotada, estrutura precária, tempo insuficiente e todo contexto individual dos alunos, um questionamento se tornou latente: é possível ensinar teatro na escola pública? A partir desta pergunta, chego no texto SOARES (2006), **Teatro e educação na escola pública: Uma situação de jogo**, onde a autora disserta acerca do que chama de *Campo das Possibilidades*, uma forma de se trabalhar teatro dentro daquilo que é considerado possível, encontrando harmonia, prazer estético e ordem dentro de um suposto caos, o da sala de aula (SOARES, 2006, p. 97).

Se o plano de ensino previa o ensino da dramatização, da improvisação, criação de personagens e espectadores, a partir deste momento, o caos seria o grande objeto desta pesquisa, mesmo que dentro dos fundamentos teatrais.

No artigo de SILVA, **Experimentação de Texturas: a (re)construção de uma prática a partir da presença do caos no ensino de teatro com crianças**, a autora relata: “Me sentia atravessada, arrebatada por esse caos. Ainda de uma

maneira muito desconfortável, ele tinha um sentimento de fracasso, de desordem, de bagunça, dificuldades e muitas incertezas". Esse é o sentimento que o caos causa quando o que se espera é a ordem.

O objetivo deste trabalho é analisar os caminhos tomados na prática dentro do estágio a partir da instalação do caos, e refletir sobre os caminhos que poderiam ter sido tomados.

É importante ressaltar, que não apenas o caos foi identificado nessa prática. Era mais do que isso. Era uma relação de violência. Violências surgidas na relação dos alunos com os colegas, professores, mas que era fruto, principalmente, da realidade dos alunos fora da escola.

2. METODOLOGIA

A Metodologia escolhida pra trabalhar com esses alunos foi a de dramatização, tendo como base principal o método de SLADE (1978), mais detalhado no livro **Jogo Dramático Infantil**. O Jogo Dramático é uma maneira da criança criar se colocando em situações da vida, nas palavras de Peter:

O jogo dramático é uma parte vital da vida jovem. Não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. [...] Nessa brincadeira teatral infantil existem momentos de caracterização e situação emocional tão nítidos, que fizeram surgir uma nova terminologia: "Jogo Dramático". [...] No drama, i.e., no *fazer* e *lutar*, a criança descobre a vida e a si mesma através de tentativas emocionais e físicas e depois através da prática repetitiva, que é o jogo dramático. (SLADE, 1978, p. 17 – 18)

A partir dessa ideia inicial, trabalhamos alguns conteúdos do fazer teatral, começavamos as aulas com contação de histórias, estabelecendo desde já uma relação entre palco e platéia, e essa história servia de estímulo para trabalhar a expressão corpóreo-vocal, a dramatização e a improvisação. Assim, desejávamos que os alunos pudessem experimentar sua criatividade, expressividade, pensamento crítico, encontrando nas aulas de teatro uma forma de se expressarem socialmente e intelectualmente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que mais marcou nesse período de estágio foi a presença do caos, e principalmente, da violência. A presença do caos que se transformava em violência. Era mais do que o caos.

Após perceber isso, já nas observações, começamos a pesquisar sobre como trabalhar no caos e chegamos a uma proposta: trabalhar no campo das possibilidades, conceito fundamentado por SOARES (2006). Iniciamos uma pesquisa a cerca de encontrar qual era o campo das possibilidades naquela turma, dentro daquela escola, dentro daquele contexto. Uma turma lotada, alunos em vulnerabilidade social, sala pequena, pátio de chão de areia descoberto, impossibilitando os trabalhos do lado de fora em dias de chuvas, dias esses, que normalmente havia falta de luz. Além dos problemas estruturais, haviam as ofensas, brigas, o tumulto, o desinteresse, o bullying, a violência física e verbal entre alunos.

Num primeiro momento, achamos que para embarcar no campo das possibilidades precisaríamos, antes, encontrar uma ordem. Depois, entendemos que o caos era justamente a desordem. O nosso campo das possibilidades se baseou no questionamento. Vimos, a partir dos acontecimentos, que o questionamento era uma estratégia potente para lidar com os conflitos. Entendemos a importância de questionar, problematizar e dialogar.

Identificar e problematizar as situações de conflito e violências entre os alunos, tais como brigas, gozações, e intimidações, são atitudes do professor que favorecem a construção de um ambiente de diálogo, no qual as crianças são convidadas a expressar seus pontos de vista. (SILVA, 2009, p. 576)

Compreendemos então, que o conflito é um convite para a reflexão. O questionamento, o diálogo, os acordos, estavam presentes durante todo o andamento das aulas, e no final de cada encontro havia uma roda de conversa onde cada aluno podia se expressar como quisesse, abrindo espaço para a escuta, e incentivando que houvesse uma reflexão crítica sobre os acontecimentos.

4. CONCLUSÕES

A partir da experiência do estágio supervisionado do curso de licenciatura em teatro da Universidade Federal de Pelotas, pude perceber o caos, ou, o conflito, como um lugar de produção de um pensamento crítico, um espaço de

reflexão e questionamento, contribuindo para a construção da individualidade, autonomia, originalidade e potencialidades dos alunos. Para SILVA (2009), os conflitos são oportunidades de aprendizagem, de conhecimento de si e do outro, do exercício do diálogo, e da democracia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SLADE, Peter. **Jogo Dramático Infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

SOARES, Carmela. **Teatro e Educação na Escola Pública: Uma Situação de Jogo**. Rio de Janeiro: Yendis Editora, 2006.

SILVA, Adriana. Experimentação de Texturas: a (re)construção de uma prática a partir da presença do caos no ensino de teatro com crianças. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v.9, n.28, p.571-586, 2009.